



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

SANGELA LÍGIA CAMILO DA SILVA

**INTERFACES ENTRE A ORALIDADE E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA
PROPOSTA METODOLÓGICA**

**GUARABIRA – PB
2020**

SANGELA LÍGIA CAMILO DA SILVA

**INTERFACES ENTRE A ORALIDADE E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA
PROPOSTA METODOLÓGICA**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso, ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação para Língua Portuguesa.

Área de concentração: Língua Portuguesa e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins

**GUARABIRA – PB
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Sângela Lígia Camilo da.
Interfaces entre a oralidade e a variação linguística
[manuscrito] : uma proposta metodológica / Sângela Lígia
Camilo da Silva. - 2020.
54 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins ,
Departamento de Letras - CH."
1. Oralidade. 2. Ansiedade. 3. Variação Linguística. 4.
Preconceito Linguístico. I. Título

21. ed. CDD 306.44

SANGELA LÍGIA CAMILO DA SILVA

**INTERFACES ENTRE A ORALIDADE E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA:
UMA PROPOSTA METODOLÓGICA**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso, ao Departamento de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação para Língua Portuguesa.

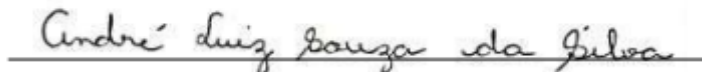
Área de concentração: Linguística e Ensino

Aprovada em: 24/11/2020

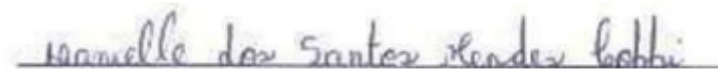
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins – Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva – 1º Examinador
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Danielle dos Santos Mendes Coppi – 2º Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha avó Francisquinha (in memoriam) por toda dedicação, amor e carinho que teve por mim em vida, por ser minha motivação neste percurso acadêmico e na vida. E aos meus pais, que sempre estiveram presente, me apoiando e nunca deixaram de acreditar no meu potencial, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço imensamente ao meu Deus por nunca me desamparar nos momentos difíceis que passei durante essa experiência, principalmente, quando pensei que não conseguiria, e me deste força, sabedoria e muita paciência para enfrentar todos os obstáculos que surgiram, permitindo-me chegar até aqui. Gratidão, meu Deus!

De modo especial, agradeço a minha mãe por se dedicar tanto para me oferecer o melhor, por ter me dado forças, me abraçando em todos os momentos de dificuldade. Dona Solange, és minha inspiração como mãe, professora e como exemplo de amor incondicional.

Ao meu pai, Antônio, que sempre me incentivou a estudar, a lutar pelos meus sonhos, que me apoiou da forma que pode e que sempre será a minha referência de persistência.

Aos meus irmãos, Syang e Alisson, que me incentivaram a persistir diante das dificuldades.

À minha avó Francisquinha (in memoriam) que desde do início dessa caminhada me apoiou, me incentivou a lutar pelo meu sonho, que apesar de não estar mais fisicamente entre nós, sinto que a nossa conexão permanece linda e gigante como sempre foi. Vó, essa conquista é nossa, onde quer que esteja, espero que esteja feliz por este dia está se tornando real. O amor e a sabedoria que me transmitiste, tornaram-se a minha inspiração para enfrentar todas as adversidades da vida.

Ao meu avô João que é meu presente da vida, meu exemplo de alegria, vivacidade, que sempre me apoia em tudo.

Aos meus familiares, que torceram por mim durante este trajeto.

À minha orientadora Iara Martins, um ser de muita luz, que me inspira como professora e como ser humano, sempre aberta a me ouvir. Agradeço, por ter me aceito como orientanda, por ter acreditado no meu potencial, pela paciência comigo e por dar suas valorosas contribuições para a construção deste estudo, por tamanha dedicação e atenção.

Às minhas amigas Jéssica e Tailda por compartilharem comigo momentos únicos que guardarei pra sempre na memória do coração. De modo especial a Jéssica, que desde do primeiro período é minha parceira da vida acadêmica, que me apoiou nos momentos mais difíceis que passei, tanto na universidade, como na minha vida pessoal. Que nos momentos de alegria e nos de dificuldades fomos o apoio uma da outra e, assim, construímos uma amizade linda, cheia de carinho e cumplicidade. À Tailda que foi uma grata surpresa em minha vida, que com o decorrer dos períodos nos aproximamos e fomos criando um lindo laço de amizade, enfrentando todas as adversidades juntas. Contem sempre comigo!

Agradeço, de modo especial, ao professor e amigo Luciel que não mediu esforços para me ajudar com bases teóricas, deixando comigo seus livros. Além disso, é um profissional ímpar e uma pessoa maravilhosa que sempre me incentivou.

À minha amiga Maria Dayane que é um ser humano lindo que Deus colocou em meu caminho, nossa amizade começou no “busão”. O trajeto de Cacimba de Dentro até Guarabira era cheio de aprendizados por tê-la ao meu lado, conversando sobre todos os assuntos possíveis. Sou grata por sua amizade e por contribuído de modo significativo para a realização dessa pesquisa.

À minha amiga Gellyka, um presente de Deus em minha vida, que acompanhou todas as minhas lutas durante esta trajetória acadêmica, me apoiou incondicionalmente. Obrigada por ser luz em minha vida. Agradeço, também, a dona Beth por toda ajuda.

À minha amiga Priscilla, que é um ser humano lindo, que sempre me apoia e que mesmo distante se faz presente em todos os momentos da minha vida.

Aos meus colegas do “busão” que torcem por mim, que tornaram as viagens menos cansativas e que são pessoas que admiro muito. De modo especial: á Jainara, Aninha, Niedja, Erica, Jéssica Britto, Lucas, Laurinha, Vitória, Rafinha, Kécia, Joelson, e aos demais que tenho um carinho enorme.

À Isamara Araújo, por ter sido por longos períodos, minha companheira de “busão”, sou grata pelas conversas, sorrisos e aprendizados compartilhados.

Ao meu amigo Juan, por compartilhar momentos maravilhosos como as vivências acadêmicas e profissionais.

Aos meus colegas de turma, pelos momentos partilha e de aprendizado que vivenciamos juntos, durante esses mais de quatro anos.

Á professora Karla Valeria, por ter sido uma das inspirações para trabalhar sobre oralidade, além disso, é uma pessoa maravilhosa, como sempre falo, é um anjo na terra.

Aos professores que passaram pela minha vida, especialmente, aos docentes da UEPB que estiveram presente durante todo esse processo e contribuíram ricamente para minha formação profissional e pessoal.

Por fim, agradeço aos professores André Luiz e Danielle Mendes pelas contribuições enriquecedoras para a melhoria deste trabalho. É uma honra poder contar com suas contribuições, que serão de grande valia. Muito obrigada por lerem minha monografia, por colocarem um pouco da grandeza de ambos e por serem esses profissionais que tanto admiro. Gratidão!

“A língua portuguesa que amo tanto
Que canto enquanto encanto-me ao ouvi-la
Em cada canto é fala, é riso, é pranto
E nada há que a cale e que a repila...

É a língua dos domingos, no barzinho
A mesma das segundas, no escritório
A que fala o andrajoso, no caminho

E o cientista, no laboratório
Não há quem fale errado ou fale mal
De norte a sul, é belo o que é falado
Na língua de Brasil e Portugal.
Para julgar quem fala certo ou fala errado

Não há no mundo lei, nem haverá:
Quem faz da fala língua, é quem a fala
Gramática nenhuma a calará
Gramático nenhum irá cegá-la!”

(Oldney Lopes)

RESUMO

Nesta pesquisa apresentamos uma proposta metodológica alicerçada na interface entre oralidade e variação linguística. Para um melhor desenvolvimento oral dos alunos, lançamos, primeiramente, um olhar em relação à temática da ansiedade que, em muitos casos, atua dificultando a expressão das falas desses indivíduos. Enfatizamos, ainda, o valor da variação linguística e o respeito da fala do outro para erradicar/diminuir o preconceito linguístico. Neste sentido, a presente monografia tem como objetivo geral apresentar uma proposta metodológica para alunos do 6º ano do ensino fundamental, envolvendo interfaces entre oralidade e variação linguística. Para atingir nosso propósito, no que diz respeito ao viés variacionista, fundamentamos nos preceitos de William Labov (2008), Marcos Bagno (1999, 2007, 2013, 2017), bem como Bortoni-Ricardo (2005). Em relação ao trabalho com a oralidade, destacamos: Marcushi e Dionísio (2007), Negreiro e Vitorino (2019). Pontuamos, também, os autores Cury (2013), Muniz e Fernandes (2016) e Silva (2011) que contribuíram para a condução da abordagem sobre a ansiedade. Metodologicamente, nossa pesquisa tem abordagem qualitativa e é de caráter descritivo-interpretativo. Os resultados revelam que esse estudo é uma ferramenta alternativa para os docentes de língua portuguesa que estão preocupados com a difusão da oralidade como instrumento de empoderamento linguístico e a melhoria do ensino da variação.

Palavras-Chave: Oralidade. Ansiedade. Variação linguística. Preconceito Linguístico.

*

* Aluna de Graduação em Letras – Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: sangelaligiacamilodasilva@hotmail.com

ABSTRACT

In this research we present a methodological proposal based on the interface between orality and linguistic variation. For a better oral development of students, firstly, we take a look at the anxiety theme that, in many cases, it makes it difficult to express the speech of these individuals. We also emphasize the value of linguistic variation and respect for the speech of the other to eradicate / reduce the linguistic prejudice. In this sense, the present monograph has as general objective present a methodological proposal for 6th grade students of elementary school, involving interfaces between orality and linguistic variation. To achieve our purpose, with respect to the variationist bias, we base ourselves on the precepts of William Labov (2008), Marcos Bagno (1999, 2007, 2013, 2017), as well as Bortoni-Ricardo (2005). In relation to the work with orality, we highlight: Marcushi and Dionísio (2007), Negreiro and Vitorino (2019). We also point out the authors Cury (2013), Muniz and Fernandes (2016) and Silva (2011) who contributed to the conduct of the approach on anxiety. Methodologically, our research has a qualitative approach and is descriptive-interpretative. The results reveal that this study is an alternative tool for Portuguese-speaking teachers who are concerned with the spread of orality as instrument of linguistic empowerment and the improvement of teaching variation.

Keywords: Orality. Anxiety. Linguistic variation. Linguistic prejudice.

† Aluna de Graduação em Letras – Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: sangelaligiacamilodasilva@hotmail.com

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A ansiedade como mal do século	34
Figura 2 – Atividade.....	36
Figura 3 – Atividade sobre a Linguagem Formal e Informal.....	38
Figura 4 – Me deixa ser nordestino outra vez	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dicotomias entre fala e escrita	14
Quadro 2 – Tipos de Variação Linguística.....	24

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 VERTENTES DA ORALIDADE	13
2.1.1 REFLEXÕES ACERCA DA ORALIDADE EM SALA DE AULA	16
2.2 ANSIEDADE: UM OBSTÁCULO NO DESENVOLVIMENTO ORAL DOS ALUNOS	19
2.3 ABORDAGENS TEÓRICAS DA TEORIA VARIACIONISTA	22
2.3.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	22
2.3.2 VARIAÇÃO E ENSINO	25
2.3.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO	28
3. METODOLOGIA	31
3.1 PROPOSTA METODOLÓGICA EM PRÁTICA	32
3.1.1. 1º Etapa (02 aulas, de 40 minutos cada).....	32
3.1.2. 2º Etapa (02 aulas, de 40 minutos cada).....	37
3.1.3. 3º Etapa (02 aulas, de 45 minutos cada).....	41
3.1.4. 4º Etapa (02 aulas, de 45 minutos cada).....	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICE	51
APÊNDICE I – Atividade para a aula 1.....	51
ANEXOS	52
ANEXO – Letra da música para a aula 2.....	52
ANEXO II – Atividade integral para a aula 2.....	54

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade na qual vivemos apresenta uma imensa diversidade social e linguística, e esse conjunto de diferenças influencia no modo como os falantes desta língua falam se expressam oralmente. É fato que, muitas vezes, essa maneira diferente de falar é criticada pelos próprios pares por desconhecerem ou não aceitarem a variedade linguística que existe, acreditando apenas na norma padrão como parâmetro de modo correto para falar.

No contexto educacional, principalmente no que diz respeito ao ensino da língua materna, observamos esse direcionamento quando flagramos uma ênfase maior no trabalho com a escrita do que com a oralidade. A não valorização da modalidade oral no espaço escolar acarreta impressões distorcidas acerca da língua, fazendo com que se o indivíduo se classifique como um falante que não sabe utilizar sua própria língua.

Neste viés, este trabalho busca promover uma linha de reflexões que pretende fazer com que o aluno repense suas percepções sobre a língua e reconheça que a variabilidade que ocorre é fruto de uma sociedade dinâmica que transforma a língua através de suas interações. Além disso, evidencia-se todo o empoderamento que a oralidade proporciona ao falante, destacando que ao se expressar oralmente estamos fazendo uso da nossa identidade linguística.

Durante o curso de graduação em Letras – Português pude refletir sobre a importância dos conhecimentos sobre a oralidade e a variação linguística na sala de aula e recordei-me que, no meu ensino fundamental, as interações e espaços para se expressar, em sua maioria, eram mínimas e as diferentes maneiras de falar não eram respeitadas. Existia, pois, o medo de se expressar e de dizer algo “errado” e ser corrigido pelo professor, na presença dos demais colegas, e isso gerava uma ansiedade/pavor de ser solicitado a qualquer momento a participar durante a aula. De acordo com Silva (2011), a ansiedade e o medo de se expressar têm provocado incômodos no espaço escolar, prejudicando o aproveitamento do aluno, além de aumentar o número de evasão dos discentes.

Bagno (2007) afirma que os fenômenos linguísticos presentes na fala dos indivíduos são os mais passíveis de sofrerem preconceito na sociedade. Pois, para boa parte da população, os sujeitos ao falarem do seu modo, estão falando errado, justamente, porque não foi ensinado/discutido, na escola, o valor das diversas variantes. Todavia, sabemos da dinamicidade da língua e que não podemos resumi-la à norma padrão como uma única opção para ser ensinada, por isso, inserir a variação linguística é de total relevância.

Como pergunta norteadora, abordaremos a seguinte questão: Trabalhar as abordagens da oralidade e inserir a variação linguística na sala de aula, contribui de que maneira para a erradicação da ansiedade e o preconceito linguístico?

O objetivo geral deste trabalho, desta forma, é apresentar uma proposta metodológica para alunos do 6º ano do ensino fundamental, envolvendo interfaces entre oralidade e variação linguística.

Os objetivos específicos são: a) Refletir sobre a ansiedade do discente, considerando o receio que os estudantes têm de se expressar oralmente; b) Estabelecer sobre a importância da oralidade como um instrumento de empoderamento linguístico e c) contribuir para a construção de um novo olhar, de mais respeito pela fala de cada aluno, para erradicar/diminuir o preconceito linguístico.

Como hipóteses: Percebemos, que a partir do momento em que os professores não trabalham a multipluralidade da língua e a concepção de língua heterogênea, no ambiente escolar, estão abrindo espaço para que ocorram casos de discriminação e preconceito linguístico também em outros espaços que os estudantes frequentam, e isso pode ocasionar medo de se expressar oralmente em outros contextos sociais.

Nessa perspectiva, justificamos o interesse em pesquisar esse tema, atualmente, uma vez que sua abordagem não é sempre, enfatizada ou tematizada, observando se os espaços para o desenvolvimento da oralidade do aluno estão sendo ofertados, se as variações linguísticas estão sendo respeitadas ou se o preconceito linguístico ainda está presente no ambiente escolar. Também é importante lançar um olhar para a questão da ansiedade como um fator de interferência no desempenho dos indivíduos, muitas vezes vítimas do preconceito em relação às suas formas diferentes de se expressarem.

Esta pesquisa fundamenta-se no viés variacionista estabelecida a partir do teórico William Labov (2008). Também fomentamos nossas reflexões a partir de estudos do sociolinguista brasileiro, Marcos Bagno (2007, 2014, 2017), bem como Bortoni-Ricardo (2005), Farraco (2008) entre outros. Para o desenvolvimento do trabalho com a oralidade, pontuamos Marcushi e Dionísio (2007) e Negreiro e Vitorino (2019). Para o olhar sobre a ansiedade, destacamos Cury (2013), Muniz e Fernandes (2016) e Silva (2011).

No tocante à metodologia, este trabalho é de natureza qualitativa e de caráter descritivo/interpretativo. As propostas de aulas estão direcionadas para um total de quatro etapas, e cada etapa contém duas aulas, com duração de 40 minutos cada: Na primeira etapa trabalhamos o autoconhecimento, as emoções, proporcionando a oralidade espontânea dos sujeitos; na segunda etapa, abordamos sobre a língua, destacando as características que compõe

a oralidade e sobre os níveis da língua falada; na terceira etapa , abordamos sobre a existência de variações linguísticas em nossa língua, como também o preconceito linguístico que é oriundo do desconhecimento dessas variações e na quarta e última aula, temos como objetivo identificar os conhecimentos adquiridos pelos alunos sobre a língua, promovendo uma socialização fazendo uso do gênero cartaz que poderá propiciar uma exposição de conhecimentos sobre a variedade da língua.

Este trabalho divide-se em quatro capítulos. O primeiro contempla as considerações iniciais. O segundo trata de uma breve revisão das postulações teóricas sobre oralidade e ansiedade, com ênfase na sala de aula, na qual pontuamos que a oralidade, apesar de ser uma prática social do cotidiano, ainda não tem o destaque necessário no espaço escolar. Neste capítulo, também, constam os aspectos sobre a variação linguística no espaço escolar e reflexões sobre o preconceito linguístico. No capítulo três destaca-se o panorama metodológico desta pesquisa, no qual pontuamos descritivamente sobre a proposta de quatro aulas baseadas nas correntes teóricas citados neste trabalho. Por fim, no último capítulo, apresentam-se as considerações finais nas quais revemos nossos objetivos e refletimos sobre o alcance e a importância desse trabalho. Em seguida, elencamos as referências bibliográficas, possibilitando, assim, a consulta sobre as obras e autores que serviram de aporte teórico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo apresenta uma abordagem teórica acerca de aspectos sobre a oralidade. Desta forma, tem o intuito de discutir postulações relacionadas aos conceitos e componentes da oralidade. Depois, abordará a ansiedade como impasse no desenvolvimento oral dos alunos e o quanto é primordial explorar esse assunto na escola. Os pressupostos teóricos são embasados em Câmara-Junior (2008), Marcuschi e Dionísio (2007) Antunes (2009), Cury (2013), Sanches (2010), dentre outros.

2.1 VERTENTES DA ORALIDADE

Apesar da oralidade ser umas das formas de expressar nossos pensamentos, essa vertente da língua portuguesa, por muitos anos não havia um trabalho mais aprofundando da oralidade na sala de aula. E mesmo, atualmente, ainda percebemos que não recebe o destaque necessário no ambiente escolar. De acordo com Silva, Ferragini e Vieira (2018, p.288):

Historicamente, percebemos que a sistematização do funcionamento da oralidade como expressão da linguagem é um movimento recente. Somente por volta do século XX é que observamos teóricos por parte da ciência linguística se dedicando ao estudo da fala, considerando as variantes existentes.

Portanto, por um longo período, não havia estudos com um olhar para a oralidade e as variações das falas dos indivíduos. Entretanto, é fato que quando se tratava de linguagem no âmbito escolar, logo destacava a modalidade escrita como ponto central e não a oralidade. Assim, Câmara Jr. (2008, p.14) enfatiza que: “A civilização antiga deu uma importância extraordinária à escrita e, muitas vezes, quando nos referimos à linguagem, só pensamos nesse seu aspecto”. E essa relevância (esse pensamento) foi prosseguindo por anos e até hoje há a predominância desta modalidade. Contudo, não é uma questão de qual modalidade merece mais prestígio, mas que assim como a escrita precisa ser ensinada e valorizada, a oralidade também precisa ser trabalhada e estimulada no ensino de língua portuguesa.

Negreiro e Vitorino (2019, p.45) também reiteram que: “a oralidade por muito tempo foi negligenciada, ocupando, em geral, um espaço restrito na escola, muitas vezes direcionada para atividades de oralização, na tentativa de corrigir os “erros”. Portanto, antigamente, as escolas tinham a percepção de que a escrita, por espelhar a língua padrão, era a única a ser

ensinada, não existindo espaço para as vozes dos alunos, tampouco as variações eram permitidas na escola, pois, eram tidas como errôneas.

A escrita, enviesada pela norma padrão, foi ganhando prestígio na sociedade, tornando-se sinônimo de poder. Na escola, o reflexo desse pensamento era a anulação da fala do aluno, ou quase inexistência de sua participação nas atividades em sala. Quem tinha voz era apenas o professor, tido como dono do saber e da norma padrão³.

Negreiro e Vitorino (2019, p.45) alegam que a anulação das vozes dos alunos ganha relevância pelo fato de a fala ser uma ação praticamente natural de todo indivíduo. Logo, era desnecessário o professor abordar a oralidade, pois, se os alunos já falavam não havia trabalho a fazer.

Desse modo, a concepção linguística que mais se destacava era aquela em que dividia a fala e a escrita, em posições dicotômicas. A seguir elencamos as distinções apresentadas por Marcuschi e Dionísio (2007, p. 28) sobre as duas modalidades da língua:

Quadro 1 – Dicotomias entre fala e escrita

FALA	ESCRITA
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Concreta	Abstrata
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Fragmentada	Integrada

Fonte: Marcuschi e Dionísio (2007, p.28).

Observando essa concepção, dicotômica entre fala e escrita, compreendemos que está fundamentada na norma padrão, nos dicionários e acordos ortográficos, todavia, ignorando a dinamicidade e a variabilidade da língua. Desse modo, que essa dicotomia entre fala e escrita, apresenta um a supervalorização da escrita, estabelecida pelo pensamento de que o português

³ É a variante da língua que considera as normas gramaticais/ normativas, e que alcançou ascensão social e prestígio, visando torna-se o modelo padronizador da Língua portuguesa.

bonito e correto é o que a modalidade escrita nos apresenta, ocorrendo assim, a não valorização da moralidade oral, bem com as variações que os falantes nos apresenta.

No que diz respeito aos estudos atuais, ao trabalhar os gêneros textuais/discursivos nota-se que suas abordagens contrariam essa dicotômica entre fala e escrita, considerando o fato que essa concepção apresenta características incoerentes diante da realidade. Vejamos: Ao estudar os gêneros orais, principalmente, os que são de domínio público, necessita-se de um planejamento, portanto, essa característica não condiz com o que foi apresentado na tabela.

Marcuschi e Dionísio (2007) discorrem sobre a necessidade de trabalhar em conjunto a oralidade e a escrita. Assim, ambas as modalidades da linguagem serão contempladas. Abaixo, podemos observar que os autores criaram premissas contrapondo as opiniões constantes sobre a fala e a escrita, vejamos:

- 1) Todas as línguas desenvolvem-se em primeiro lugar na forma oral e são assim aprendidas por seus falantes. Só em segundo lugar desenvolve-se a escrita, mas a escrita não representa a fala nem é dela derivada de maneira direta.
- 2) Todas as línguas variam tanto na fala como na escrita, e não há língua uniforme ou imutável, daí ter-se que admitir regras variáveis em ambos os casos.
- 3) Nenhuma língua está em crise, e todas são igualmente regradas, não havendo quanto a isso distinção entre línguas ágrafas e línguas com escrita.
- 4) Nenhuma língua é mais primitiva que outra, e todas são complexas, pouco importando se são ágrafas ou não. (MARCUSCHI, DIONÍSIO, 2007, p.8.)

A partir das premissas postuladas, acima, compreende-se que a forma oral da língua é desenvolvida em primeiro momento, para depois acontecer o processo da aprendizagem da escrita. Outro ponto importante é que a língua não é apenas um sistema linguístico, mas uma prática social. Portanto, a fala e a escrita fazem parte do funcionamento da língua, configurando-se duas formas para que o funcionamento aconteça. Sendo assim, a língua é totalmente variável, instável e essas variações não podem ser tidas como incorretas.

Então, o professor tem o papel de possibilitar o desenvolvimento da língua de modo mais amplo, significativo, isto é, desenvolver a modalidade oral e escrita do indivíduo. De acordo com Cavalcante e Melo (2006, p.76), entretanto, “A oralidade não é bem compreendida como objeto autônomo do trabalho escolar, sendo essa uma das razões que levam seu ensino a ocupar um lugar limitado na escola”.

O objeto autônomo destacado pelas autoras trata-se das particularidades da modalidade oral que diferem da escrita. Conforme Negreiro e Vitorino (2019, p.45), as particularidades que compõem a oralidade são: a gestualidade, o tom de voz, a referência ao interlocutor, a entonação, a repetição de palavras. E outra peculiaridade importante é a variação linguística

que cada falante traz consigo para a escola. E todas essas vertentes que contêm a modalidade oral são necessárias para serem trabalhadas dentro do espaço escolar.

Trabalhar a oralidade não é simples e requer organização e formação do professor. Podemos notar sua grandeza de especificidades através da percepção de Marcuschi e Dionísio (2007):

Quando falamos, usamos não só a voz mas também o corpo, pois fazemos gestos, maneios de cabeça, entoações que podem sinalizar uma pergunta, uma crítica, um elogio, por exemplo. Se uma amiga me pergunta se eu gostei do corte de cabelo dela e eu respondo: lindo. Se digo a palavra lindo com um sorriso no canto de boca ou balançando negativamente a cabeça, certamente a minha opinião não será um elogio, e sim uma crítica, uma vez que palavra e gesto funcionam juntos na construção de sentido do meu enunciado. Isso significa que a fala é multimodal, visto que se realiza através de recursos verbais (a palavra lindo e recursos visuais (um sorriso no canto da boca, um balançando relativamente a cabeça). Ou seja, dois modos de construção da informação foram envolvidos nesse ato de fala. (MARCUSHI, DIONÍSIO, 2007, p.178)

Em contexto amplo, a oralidade tem particularidades complexas, como foi citado acima, porém necessárias para serem incluídas no âmbito escolar, visando o avanço na interação em sala de aula e proporcionando além da criticidade dos alunos o respeito a identidade linguística.

Marcuschi (2007), em seus estudos a respeito da oralidade, apresenta a perspectiva do sociolinguista inglês Michael Stubbs (1986, p.3) que informa que a oralidade se refere as habilidades que cada falante tem ao falar. Entende-se, assim, que cada falante tem uma capacidade oral diferente, modos de falar distintos. Portanto, “sabe-se que a oralidade é uma prática social de uso de uma língua falada a qual é baseada nas questões sociointeracionistas do cotidiano” (MARQUES, 2017, p.3).

Então, compreendemos que todo sujeito apresenta sua forma peculiar de se comunicar, e que a oralidade acontece através da prática da fala, e essa língua falada desenvolve-se nas socializações entre os sujeitos, expressando a diversidade linguística próprias dos falantes. Ao falar, o sujeito expõe sua identidade linguística, revelando o lugar e os espectros sociais em que vive através de sua variação.

2.1.1 REFLEXÕES ACERCA DA ORALIDADE EM SALA DE AULA

Atualmente, o ensino da língua portuguesa é composto por vários eixos, dentre tantos, a oralidade. Negreiro e Vitorino (2019, p.44) afirmam que: “A oralidade é uma prática essencial, em todas as instâncias de ensino”. Portanto, é necessário que a escola volte seu olhar para essa perspectiva, principalmente, que o professor direcione sua atenção para as orientações pertinentes nos documentos oficiais que conduzem as práticas educativas no âmbito escolar.

Sabemos, porém, que a oralidade ainda é tratada de maneira secundária na escola, uma vez que a escrita e a leitura são mais enfatizadas. Neste viés, (SILVA, 2019) ressalta que:

Todo aluno/falante quando chega á escola tem conhecimento oral da sua língua materna, pois, o processo da fala antecede o processo da escrita, e cabe à escola valorizar a oralidade desse aluno e buscar orientá-lo para usar da melhor forma de acordo com sua intenção comunicativa. (SILVA, 2009, p.32)

A escola, apesar de ser o lugar propício para a aquisição da escrita, não pode/deve esquecer da modalidade oral. Então, é indispensável valorizar a fala do sujeito, colocando-o na posição de interlocutor da interação, dando espaço para que se expresse oralmente, pois, a prática social que contém na fala de cada sujeito é enriquecedora para a formação acadêmica e pessoal de cada indivíduo. Nesta direção, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – doravante PCN:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 15).

Neste sentido, a escola assume o papel de ensinar, estimular e valorizar a língua, através das modalidades orais e escritas, contribuindo para que os alunos escrevam, leiam e falem a respeito dos mais variados assuntos, tendo o domínio de ambas modalidades para que as interações ocorram efetivamente.

Refletindo especificamente sobre a modalidade oral, sabemos que é desafiador disseminar a oralidade em sua amplitude, mas é totalmente necessário, visto que é por meio das interações orais, na maioria das vezes, que ampliamos nossos conhecimentos e adquirimos experiências e compartilhamos com os outros. Logo, é necessário que a escola realize um plano pedagógico para efetuar essa prática de maneira eficaz. Em concordância com essa perspectiva, os PCN defendem que:

Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua. (BRASIL, 1997, p.38)

Portanto, esse plano deve ser bem elaborado, buscando desenvolver de forma ampla os conhecimentos que são pertinentes a oralidade. Deste modo, compreendemos que a língua oral que os alunos usam em casa, no âmbito familiar (informal) difere da que ele deve usar em

contextos formais, como uma entrevista de emprego (formal). Assim, necessita que a escola considere as distinções existentes, de modo que o professor aborde as particularidades que as compõem. Sendo assim, é primordial que a escola busque acolher a língua do aluno, reconhecendo suas variações, mas que também demonstre a ligação estreita da língua falada com a escrita que, apesar de ambos terem suas peculiaridades, são igualmente relevantes na comunicação.

Em seus estudos, Bentes (2010) revela que o aluno que tem a oportunidade de expressar suas percepções em sala de aula, desenvolve melhor suas competências comunicativas como também melhora seu processo de formação como cidadão. Portanto, o docente deve levar os discentes a ter essa consciência, possibilitando que se sintam acolhidos, que suas opiniões em sala de aula tenham relevância e que sua fala seja valorizada.

Mas a ação de possibilitar a oralidade em sala de aula não pode ser feita de forma desorganizada, “Pois, o ato da fala é espontâneo, logo deve ser organizada”. (Santos, 2011, p. 52). Sendo assim, a escola tem a função de trabalhar as especificidades contidas na oralidade, á exemplo disso, temos a entonação, que dependendo de como a pessoa fala, isso pode levar a conversa para outro rumo. Então, é primordial que as instituições tomem a consciência do papel fundamental que esse eixo tem dentro da sala de aula.

A *Base Nacional Comum Curricular* – doravante BNCC (2017) apresenta práticas de linguagem e a oralidade é uma delas. Contudo, cada prática dessa tem vários objetos do conhecimento e para o 6º ano (ano escolhido para o trabalho em tela) temos: a produção de textos jornalísticos orais, participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social, discussão oral, estratégias de produção, planejamento e produção de apresentações orais, produção de textos orais, oralização, planejamento de entrevistas orais, conversas espontâneas – na seção metodológica temos exemplos dessas práticas.

A BNCC (2017), para a área de linguagens, apresenta competências específicas que devem ser garantidas aos alunos. E em um trecho da competência três é apontado que a linguagem verbal deve ser utilizada “para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação” (BRASIL, 2017, p.65). Essa socialização permite que cada um se expresse, promove a desinibição de falar para todos, de dividir seus sentimentos, percepções de mundo com os colegas, troca de experiências pessoais e torna a convivência melhor. Além disso, por meio dessa situação, o docente pode perceber, no aluno, alguma dificuldade de se expressar por causa da timidez ou ansiedade.

Todavia, sabemos que trabalhar a oralidade na sala de aula é um desafio, pois, dependendo da forma que é abordada, os discentes podem se sentir pressionados por não saberem se portar no momento, o medo de falar para os outros (esse medo já é decorrente da falta de estímulo da oralidade nos anos de estudo anteriores). Também há o medo de errar, a apreensão de falar da maneira como falam no seu dia a dia e ser corrigido pelo professor na frente dos colegas. Assim, mesmo que o indivíduo domine o tema, esses aspectos podem prejudicar o seu desempenho.

É preciso destacar que o tipo de situação no qual o aluno é repreendido negativamente, por usar a sua variação linguística, no espaço escolar ainda é uma realidade. Isso pode ocasionar receio/insegurança ao falar na sala de aula, em decorrência de um preconceito linguístico sofrido anteriormente, trataremos mais desse assunto nos capítulos que virão a seguir.

2.2 ANSIEDADE: UM OBSTÁCULO NO DESENVOLVIMENTO ORAL DOS ALUNOS

A escola é um ambiente social que se propõe a desenvolver o cognitivo, como também os aspectos sociais e culturais. E como agente formadora também tem o papel de se preocupar com o emocional dos sujeitos, pois segundo Muniz e Fernandes (2016, p. 428) “O aprender vai além da capacidade intelectual da pessoa, uma vez que depende também da forma como ela se relaciona com os seus pares, com o professor e como se sente e percebe o ambiente”.

Então, compreende-se que as relações com os colegas e professores, as emoções do sujeito, influenciam na capacidade de assimilar os conteúdos. Todavia, isto nos leva a refletir sobre os aspectos emocionais. E sabemos que na maioria das escolas pouco se trabalha as emoções dos sujeitos, principalmente a ansiedade. O uso desenfreado das tecnologias, as cobranças sociais e até mesmo as instituições de ensino têm propiciado o aumento dessa doença que, por muitos estudiosos, é considerada uma das doenças mais perigosas do século.

De acordo com o psiquiatra Augusto Cury (2013), a ansiedade é decorrente do pensamento acelerado. Castilho *et al.*, 2000, p. 20) em suas contribuições, reiteram que “Ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho”.

Sentir-se, assim, proporciona ao aluno muitas dificuldades na oralidade, na escrita, ou em qualquer outro aspecto trabalhado nas aulas de língua portuguesa. Portanto, esse assunto não pode ser intocável, ao contrário, é de total importância trabalhá-lo no ambiente educacional.

As apresentações orais de trabalhos são bastante utilizadas no espaço escolar e quando solicitadas, muitos alunos, que são ansiosos, ficam apreensivos para pesquisar, tomar conhecimento do tema, mas principalmente para apresentá-lo. O indivíduo ansioso começa a ter medo de esquecer ou não saber explicar direito o assunto estudado para apresentar aos colegas de sala.

Em concordância, (Silva, 2011, p.8) afirma que “A ansiedade tem causado muitos transtornos no meio escolar. Com isso acabam (sic) prejudicando o rendimento do aluno ou mesmo aumentar os índices de evasão escolar”. Tudo isso porque o aluno, com seu pensamento acelerado, sente a dificuldade de se concentrar na atividade que está sendo estabelecida, tem medo de falar em público, e isso vai o afastando das interações, das apresentações e conseqüentemente da instituição.

Neste viés, Muniz e Fernandes (2016, p.428) revelam que no ambiente escolar, a ansiedade deve ser considerada, buscando compreender melhor o comportamento e o rendimento do aluno. A ansiedade se manifesta em detrimento de pensamentos acelerados relacionados a possíveis situações futuras, mas também pode estar relacionado a forma que o indivíduo lida com determinadas situações no seu dia.

Deste modo, é fundamental que a escola trabalhe o “eu” dos discentes e adentre na ansiedade, contribuindo para o autoconhecimento desses indivíduos, buscando que se tenha uma saúde emocional sadia, e isso refletirá nos estudos e, conseqüentemente, no desempenho das interações na sala de aula, nas exposições orais.

Todavia, a ansiedade dos alunos torna-se um obstáculo a mais para a promoção das interações em sala de aula. Neste segmento, Silva (2011) certifica que:

Uma pesquisa realizada por Duarte e Oliveira (2004) na Universidade Católica de Goiás, mostrou que todos os participantes relataram que temiam situações que exigissem qualquer tipo de interação com seus professores. Para realizar avaliações, principalmente orais, tirar dúvidas durante as aulas e reclamar direitos, a ansiedade era excessiva em todos eles. Em seus relatos verbais, há evidências que a maioria dos professores e ambiente escolar tornaram-se, ao longo de suas vidas, eventos punitivos muito mais que reforçadores. (SILVA, 2011, p.20)

Observamos, assim, como a ansiedade afeta o desenvolvimento cognitivo e também como a socialização dos alunos fica comprometida. Tudo por causa do medo do fracasso, da apreensão, medo de ser ridicularizado por seus colegas, ou até mesmo punido pelo professor. E ao internalizar esses aspectos, a pessoa fica acuada, não consegue desempenhar bem oralmente o que foi proposto, mesmo que tenha se dedicado estudando e pesquisando o tema. Em alguns casos o aluno pode até desistir da exposição oral por isso é julgado, criticado pelos professores

que, às vezes, não sabe que o aluno é ansioso. De acordo com a psicóloga Sanches (2010, p. 52), “quando estamos nervosos ou ansiosos não pensamos com a mesma clareza e é fácil focarmo-nos apenas nos aspectos potencialmente negativos”.

Então, trabalhar a ansiedade, seus níveis, sintomas e o que pode acarretar na vida dos alunos é de extrema relevância para o contexto escolar, buscando ter um olhar empático para os sujeitos, alertando dessa patologia (ou que pode não ser, dependendo do caso) que afeta muitas pessoas. Neste contexto, Cury (2013, p.71) postula que “A escola deve ser complemento para a educação familiar. E para isso, os professores precisam saber educar a emoção e trabalhar as funções mais importantes da inteligência para formar pensadores, e não repetidores de informação”.

É essencial, portanto, trabalhar o medo, filtrar as ações impulsivas, como também estresses. E assim, adentrar nos aspectos da ansiedade, promovendo um debate sobre o assunto. Isso não implica dizer que estamos atribuindo a responsabilidade dos pais ou psicólogos para o professor, mas estamos buscando inserir esse assunto tão relevante no espaço escolar, visando abrir um espaço para discussão pela empatia que devemos ter um pelos outros, buscando assim conscientizar a todos do problema e possibilitando saná-lo ou amenizá-lo.

Contudo, o medo de “errar” ao falar em sala de aula, e ser zoados pelos colegas ou ser corrigido pelo docente na frente de todos, ocasiona um certo medo/ ansiedade de ser chamado para expor alguma opinião ou apresentar algum trabalho. Neste sentido, o trabalho com a variação linguística no espaço escolar é de suma importância, para que seja respeitado esse viés variacionista da língua.

2.3 ABORDAGENS TEÓRICAS DA TEORIA VARIACIONISTA

Nesta seção, refletiremos acerca da variação linguística ao abordar os pontos teóricos de perspectiva da língua, contextualizando com a inserção da variação no ensino de Língua Portuguesa, e posteriormente tratar sobre o preconceito linguístico. Neste sentido, ressaltamos que quando abordamos variação linguística, intrinsecamente, estamos destacando a oralidade na escola. Portanto, iremos nos basear nas abordagens de Bagno (2007; 2008; 2013; 2017), Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Matta(2009), Cagliari (2007), dentre outros.

2.3.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A área responsável por se aprofundar nos estudos da variação linguística é a sociolinguística. Neste viés, Martelotta (2011, p. 141), frisa que a sociolinguística: “è uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.” Deste modo, entendemos que a língua se transforma através das interações dos falantes, e conta com a influência dos fatores extralinguísticos.

A sociolinguística firmou-se na década de 1960, nos Estados Unidos, tendo William Labov, como o impulsionador dessa teoria variacionista. E de acordo com Martelotta (2011, p. 141), William Labov a denominou de “sociolinguística variacionista” ou teoria da variação”. Em suas contribuições, Labov (2008, p. 21), afirma que "não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre". Pois, os fatores sociais influenciam categoricamente nas mudanças que ocorrem na língua.

Deste modo, a sociolinguística apresenta uma nova perspectiva da língua norteadada sob a percepção da heterogeneidade dos falantes. Bagno (2017, p.224, grifo do autor) afirma que “[...] é incontestável que as línguas são o elemento mais importante da **cultura**, de uma sociedade. ” Então, os estudos da língua, inicialmente, devem considerar a fala dos indivíduos, pois a língua e a sociedade estão totalmente interligadas.

Ainda de acordo com Bagno (2007, p. 38), assim como a sociedade é heterogênea, a língua também é. Logo, quando estudamos a língua, conseqüentemente devemos estudar a sociedade em que esses falantes vivem, considerando as relações estabelecidas entre os grupos sociais através da linguagem.

Neste viés, a linguagem proporciona meios para que todo sujeito se comunique, possibilitando compartilhar as experiências no meio social. E a linguagem é a responsável por incluir todos os falantes.

Bagno (2007), em suas investigações relacionadas a língua, aponta que há alguns fatores extralinguísticos que influenciam as variações linguísticas, vejamos:

- Origem Geográfica: Este fator aponta que de um lugar para o outro a língua varia. Ou seja, o lugar onde se vive influencia o seu modo de falar;
- Status socioeconômico: Através deste fator observar-se que as pessoas que tem renda baixa não falam do mesmo modo que as que estão em um padrão socioeconômico elevado;
- Grau de escolaridade: Este fator mostra que de acordo com o acesso que o indivíduo teve á educação formal, á cultura letrada, como também á prática de leitura e escrita se reflete no seu uso linguístico;
- Mercado de Trabalho: O presente fator indica que a profissão exercida pelo sujeito, influencia a sua atividade linguística. Desta forma, os recursos linguísticos variam de uma profissão para outra;
- Idade: Neste fator as variações são temporárias, as gerações de outrora não falam do mesmo modo das gerações posteriores. Deste modo, o uso linguístico dos jovens é divergente das gerações que lhe antecedem (pai, avos, bisavós);
- Sexo: Fator que revela o motivo pelo qual mulheres e homens fazerem diferentes usos linguísticos dos recursos que a língua oferece;
- Redes sociais: Através desse fator, as pessoas que participam de uma mesma rede se comportam de forma semelhante, isso acontece através da socialização entre esses indivíduos no espaço virtual, que conseqüentemente torna semelhante o comportamento linguístico.

Considerando os fatores extralinguísticos articulados, acima, Bagno (2007) evidencia que a variação linguística de cada falante é o resultado de vários fatores de aspectos socioculturais, como também sociofuncionais. Todavia, além dos fatores extralinguísticos, ainda, segundo o autor, a variação ocorre em vários níveis da língua, que são: variação fonético-fonológica; variação morfológica; variação sintática; variação semântica; variação lexical e variação estilística – pragmática.

Alicerçados nos preceitos de Bagno (2007), como exemplo de cada nível da língua, destacamos:

- Variação fonético-fonológica: Esse nível enfatiza as pronúncias que conhecemos com o R de porta. Ex: Corda.
- Variação morfológica: Esse é o nível da língua que fundamenta-se na exibição de sufixos diferentes para expressar a mesma ideia. Ex: pegajoso e peguento.
- Variação sintática: Em suma, esse nível mostra que mesmo alguns elementos organizados de maneiras diferentes, apresentam o sentido geral semelhante. Ex: Nas frases uma história que ninguém prevê o final, uma história cujo o final ninguém prevê.
- Variação semântica: é quando a palavra tem significados diferentes, pois, depende da origem regional do falante. Ex: a palavra *vexame* que dependendo do lugar de origem do falante, pode significar vergonha ou pressa.
- Variação lexical: São palavras que são escritas de modos diferentes, mas que tem o mesmo significado. Ex: As palavras mijo, xixi e urina.
- Variação estilística – pragmática: Esse nível da língua destaca que as palavras variam de acordo com o meio social em que as pessoas estão inseridas, e classifica-se com maior ou menor grau de formalidade do ambiente, além disso, o indivíduo pode pronunciar de modos diferentes, em contextos de interações distintos. Ex: “Queiram se sentar, por favor!” “vamo sentano ai.”

Sendo assim, esses níveis internos revelam que mesmo sendo heterogênea, a língua não é desordenada, aleatória. Mas totalmente estruturada, organizada e mutável. Então, é uma heterogeneidade ordenada. Segundo os pressupostos teóricos de Bagno (2007), as variações são classificadas em cinco tipos. Observemos a seguir:

Quadro 2 – Tipos de Variação Linguística.

Tipos de variação	Conceito
Diatópica	Este conceito de variável se dá através da comparação dos jeitos de falar das pessoas de diversos lugares, atentando-se para o espaço geográfico.
Diastrática	Este tipo de variação pauta-se nas classes sociais dos falantes, visando analisar o modo

	de falar dos sujeitos que fazem parte de diferentes classes sociais.
Diamésica	Fundamenta-se na comparação da língua escrita e língua falada. Como também nos pressupostos dos gêneros textuais.
Diafásica	Evidencia-se por meio do uso da fala que cada sujeito tem, dependendo do contexto em que está inserido, deste modo, é feito um monitoramento do comportamento linguístico dos falantes.
Diacrônica	Baseia-se na comparação histórica, pois, considera que como passar do tempo a língua vai se modificando.

Fonte: Elaborada pela autora deste trabalho através das postulações de Bagno (2007, p.46).

É perceptível que classificar as variações têm como objetivo tornar mais organizado o entendimento das especificidade que cada fala possui e sua relevância social e cultural. Portanto, compreende-se que os fatores históricos, espaço geográfico, classes sociais, contextos sociais e distinções da língua escrita e da falada influenciam diretamente no modo de falar de cada sujeito.

2.3.2 VARIAÇÃO E ENSINO

Durante o percurso dos estudos linguísticos entendemos que há dois fatores presentes na linguagem: a primeira tendência, a mais usada no espaço escolar, tem a percepção da língua como um sistema de signos, com regras. De outro lado, a segunda tendência é focada na língua como uma atividade social, que por meio da interação verbal entre os interlocutores se transforma com o passar do tempo. (SILVA, 2019, p.24, *apud.* ANTUNES 2003, p.41)

Nesta direção, a segunda tendência tem uma percepção social da língua que considera as transformações linguísticas, suas complexidades. Sendo Assim, considerando o que demanda do professor, proporcionasse o domínio de diversificadas vertentes teóricas, para que trabalhe a língua portuguesa em seu contexto real de uso. Sendo assim, uma perspectiva inclusiva dos falares, vejamos o que diz Bortoni-Ricardo (2005, p.15):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

A escola é um espaço sociocultural e deve apresentar a língua e suas especificidades, revelando os contextos de uso e os modos de fala que existem, como também o que influencia os diferentes falares. No entanto, isso não significa que a variedade padrão não deve ser ensinada, mas que todas as particularidades da nossa língua devem ser valorizadas no âmbito escolar.

Martins e Silva (2019, p. 142) afirma que: “[...] a inclusão é a busca pelo próprio espaço, e ter seu espaço de (inter)relação é apropriar-se e empoderar-se como individual social.” Assim, é indispensável que a escola tenha esse olhar inclusivo para seus discentes e seus falares. É primordial, pois apresentar e conscientizar os discentes acerca da existência das variações linguísticas como também das mudanças da língua. Conforme Antunes (2009):

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua (ANTUNES, 2009, p. 22).

A autora revela que as mudanças ocorrem constantemente ao mesmo tempo, em que a sociedade se transforma. Então, é natural a língua mudar e em consequência algumas palavras, sintaxe e entonações caírem em desuso, como também surgirem inúmeras outras. E essa diversidade linguística é a identidade do povo brasileiro. Deste modo, as variações linguísticas estão presentes em todas os ambientes sociais.

Logo, inserir uma pedagogia variacionista é de responsabilidade da escola, como também do docente. Neste viés, Faraco (2008, p.182) propõe que deve haver:

[...] uma pedagogia que sensibilize as crianças e jovens para a variação, de tal modo que possamos combater os estigmas linguísticos, a violência simbólica, as exclusões sociais e culturais fundadas na diferença linguística. (FARACO, 2008, p.182)

Trata-se de reapresentar uma perspectiva linguística que intrinsecamente os educandos já conhecem um pouco (porque falam determinada variedade), mas que tem a visão da variação, infelizmente, como um erro. Sendo assim, esse novo ângulo desmistifica essa crença errônea da língua e enfatiza que quando apontamos erros no modo de falar do outro estamos ferindo a identidade linguística dele.

Filho e Emiliano (2019) afirmam que o ensino da língua deve ser planejado com intuito de abordar a multiplicidade linguística que existe na sociedade, possibilitando que os sujeitos compreendam as diversas maneiras de interação social. No entanto, isso não exclui o valor da

norma padrão, mas reitera que essa pluralidade linguística deve ser ensinada na escola, assim como as variações e a norma padrão são necessárias para a construção da linguagem do sujeito.

Cyranka (2011, p.131) reforça que “[...] é preciso construir caminhos para que uma educação linguística seja efetivada na escola de tal modo que propicie a todos os alunos o acesso à variedade culta da língua sem que isso implique na necessidade de abandonar sua variedade vernacular.” Sendo assim, a escola como espaço social, deve promover o ensino da língua de forma eficaz e contemplando suas particularidades, inserindo as variações, sem deixar de lado o domínio da norma padrão para que os discentes saibam usar a sua fala nas diversas situações de uso.

Neste viés, Bagno (2013, p.117) trata como ação indispensável, na escola, a reeducação sociolinguística afirmando que “A reeducação sociolinguística tem que partir daquilo que a pessoa já sabe e sabe bem: falar a sua língua materna com desenvoltura e eficiência”. Logo, o professor deve apresentar uma abordagem variacionista partindo dos falares dos indivíduos que compõem a turma, instigando através de questionamentos sobre a nossa língua dos conhecimentos prévios dos alunos.

Também é necessário enfatizar que todas as variedades da língua têm seu valor, nenhuma é inferior ou superior. Portanto, esse pensamento deve ser destacado em sala de aula, como também que a “diferença não é deficiência nem inferioridade” (BAGNO, 1999, p. 29). Na verdade, as diferenças linguísticas são alguns dos aspectos que tornam nossa sociedade multiculturalmente rica em diversidade. O autor ainda defende que:

Seria mais justo e democrático explicar ao aluno que ele pode dizer “bulacha” ou “bolacha”, mas que só pode escrever bolacha, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito (Bagno, 1999, p. 53).

Portanto, o modo que a língua é ensinada na escola faz toda diferença para que os sujeitos mudem suas percepções do que é “errado” na forma de falar as palavras. Logo, quando se explica a necessidade da norma padrão e a relevância das variações linguísticas passa-se a compreender melhor as particularidades da língua portuguesa, evitando possíveis preconceitos linguísticos.

2.3.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Nas postulações acerca da variação linguística, apresentamos, acima, teorias e articulações sobre o ensino da língua através desta perspectiva. Então, abordar a teoria variacionista e refletir sobre o preconceito linguístico, que ainda se fazem presente nos espaços escolares, é indispensável para a construção do conhecimento e compreensão da língua.

O preconceito linguístico é fruto de uma concepção “ultrapassada” da língua portuguesa, que considera apenas a norma padrão correta e necessária para o ensino. Vista a língua desta forma, ignora-se a existência das demais variações como também as mudanças que toda língua sofre ao longo do tempo.

Matta (2009, p.29) reitera que a maioria da nossa população é constituída por falantes brasileiros com variedades linguísticas estigmatizadas. E isto é um dado estatístico indiscutível apontado pela história sócio-histórica-linguística deste país. Precisamos, pois, conhecer não apenas a língua portuguesa apresentada pela norma padrão, mas um leque de variações dessa mesma língua. E se essa diversidade linguística não é conhecida/respeitada inevitavelmente provocamos o preconceito linguístico. Em concordância, Soares (1994) retrata que:

[...] é o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminação e fracasso: o uso pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas e social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva á dificuldade de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usado a variante-padrão socialmente prestigiada. (SOARES,1994, p.17)

Ao falar, o sujeito revela traços do meio em que vive, do seu grupo social. Deste modo, evidenciam-se aspectos extralinguísticos que estão presentes na língua que desencadeiam o preconceito linguístico por parte daqueles que ignoram a heterogeneidade da língua. Portanto, assim como é obrigatório a escola ensinar a variedade padrão, as variedades linguísticas também deveriam ser contempladas/debatidas no ambiente escolar.

Diante desse cenário, reconhecer a pluralidade linguística é primordial, como também se desprender dos padrões instituídos e dos estigmas preconceituosos que não se enquadram em uma sociedade heterogênea. Quando respeitamos a língua do outro, conseqüentemente, respeitamos sua identidade, como aponta Cagliari (2009):

Para o aluno, o respeito às variedades linguísticas muitas vezes significa a compreensão do seu mundo e dos outros. Um aluno na escola não pode chegar à conclusão que seus pais são “burros” porque falam errado, não pode achar que as

peças de sua comunidade são incapazes porque falam errado, não têm valor porque falam errado, ao passo que a cultura só está com quem fala o dialeto padrão, que a lógica do raciocínio só pode ser expressa nessa variedade linguística, que o bom, belo e perfeito só pode ser expresso através das “palavras bonitas” do dialeto-padrão. (CAGLIARI, 2009, p. 83)

O aluno precisa se sentir acolhido pela comunidade escolar e pelo docente. Sua fala é uma das formas que ele possui para articular seus pensamentos, expor seus questionamentos, socializar com seus colegas e mostrar sua identidade linguística. Logo, é fundamental que seja notável o valor destes aspectos através do mediador do conhecimento, por isso, ao invés de reprimir, apontar “erros”, é necessário estimulá-los a expressarem seus conhecimentos, a despertar a sabedoria que cada um traz em seu repertório sócio-cultural.

Em suas considerações, Cagliari (2009, p. 84) reitera que “Se os alunos aprenderem a verdade linguística das variantes, geração após geração, a sociedade mudará seu modo de encarar esse fenômeno e passará a ter um comportamento social mais adequado com relação às diferenças linguísticas.” Desta forma, os discentes perpassarão todo conhecimento que adquirirem sobre as variantes e passarão a vê-las de forma mais respeitosa, construindo uma sociedade mais esclarecida sobre a variedade e heterogeneidade da língua.

O preconceito linguístico tem origem quando flagramos alguns sujeitos que acreditam que sua forma de falar é superior, por ser baseada apenas na norma padrão e inferiorizam aqueles que não falam de acordo com as regras gramaticais. Essas pessoas se sentem superiores quando têm contato com alguém que não fala de acordo com a norma padrão, apontam os “erros” na fala e se sentem até no direito de zombar da maneira de se expressar do outro. Esse tipo de comportamento é extremamente constrangedor, podendo levar a pessoa ao medo de expor suas opiniões por receio de ser corrigida/humilhada.

Esse julgamento de superioridade sobre o modo de falar das pessoas pode ser ocasionando, em alguns casos, pela falta de conhecimento da mudança e variedade da língua. Então, é indispensável que a escola mude seu posicionamento em relação ao ensino da língua, não se limitando apenas à gramática tradicional/padrão, mas que ofereça um ensino reflexivo, que proporcione a aquisição de diversos aspectos da língua.

Neste viés, é necessário compreender, que todo falante revela em sua fala seus traços culturais/sociais. E ao chegar na escola, traz consigo suas perspectivas de mundo, sua maneira de falar e de expressar suas opiniões. Sendo assim, é um falante efetivo de sua língua materna.

Observamos que os livros de língua portuguesa focam na norma padrão, mas trazem como conteúdo a variação linguística, embora, muitas vezes, de forma recortada. Entretanto, a BNCC destaca a necessidade de trabalhar na sala de aula a diversidade da língua, através de

vários gêneros textuais. Assim, entre as competências específicas da disciplina de língua portuguesa destinadas para o ensino fundamental, destacamos a competência quatro na qual enfatiza que é necessário “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando os preconceitos linguísticos.” (BRASIL, 2017, p.87)

Deste modo, é fundamental tornar o indivíduo conhecedor dos fenômenos que acontecem em sua língua, suas transformações linguísticas, explicando o que causa essas transformações, de que forma acontecem. É importante também destacar o respeito que devemos ter com os falares das pessoas, possibilitando um novo olhar para as interações dos alunos, tanto na escola, como em outros espaços sociais.

Cabe aos professores, portanto, contribuir para que o ambiente escolar seja de respeito à língua e aos falantes, apresentando como nossa língua é rica e variável. Ao tomar conhecimento das especificidades linguísticas, o aluno ampliará seu repertório cultural e saberá respeitar as diferentes falas das pessoas, entendendo que os falantes não escolarizados, por exemplo, não teriam condições de oferta uma multiplicidade de registros linguístico.

3. METODOLOGIA

A pesquisa é uma ferramenta poderosa que contribui para a divulgação e aquisição de conhecimentos dos mais variados assuntos. Neste viés, a presente pesquisa é do tipo qualitativa, e esse tipo de abordagem, considera o sujeito, sua subjetividade e o meio social em que vive, buscando interpretar os fenômenos sociais. Assim, Kauark *et al.* (2010) apontam que a pesquisa qualitativa:

[...]considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. [...] Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (KAUARK *et al.*, 2010, p.26)

Então, o foco principal da abordagem qualitativa é observar e interpretar os fenômenos sociais. Neste sentido, esse tipo de pesquisa “Aceita o fato de que o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa. Segundo o paradigma interpretativista, o cientista social é membro de uma sociedade e de uma cultura[...]” Bortoni-Ricardo (2008, p. 58). Em virtude disso, compreendemos que o sujeito como integrante de uma sociedade, tem sua própria cultura e suas percepções acerca do mundo que formam sua identidade.

Esta pesquisa apresenta caráter descritivo-interpretativista. Interpretativa porque considera as interpretações das práticas sociais do sujeito e as percepções que as pessoas atribuem a essas práticas na sociedade. E descritiva porque compreendemos a necessidade de aprofundar-se no estudo, descrevendo com exatidão sobre o conteúdo.

Assim, elaboramos como questão norteadora desta pesquisa, a seguinte: Trabalhar as abordagens da oralidade e inserir a variação linguística na sala de aula, contribui de que maneira para a erradicação da ansiedade e o preconceito linguístico?

Neste capítulo, apresentaremos uma proposta metodológica para aulas de língua portuguesa do 6º ano, considerando os seguintes aspectos: a ansiedade como um empecilho no desenvolvimento oral do sujeito, as particularidades da oralidade, a língua falada e seus níveis (língua formal e informal), a variação linguística bem como o preconceito linguístico. Assim, detalharemos o passo a passo destas aulas, com base nas teorias mencionadas nos capítulos anteriores dessa pesquisa.

3.1 PROPOSTA METODOLÓGICA EM PRÁTICA

A proposta pautando na temática ansiedade é pertinente, pois, observamos que é um fator que dificulta o desempenho oral dos alunos, gerando o preconceito linguístico. Durante as etapas da proposta vamos discutir sobre a importância da variação linguística para desmistificar os termos “erro” e “acerto” na língua e assim proporcionar a desconstrução do preconceito linguístico e o respeito à diversidade linguística.

Sugerimos o 6º ano como público-alvo desta proposta de ensino da língua, uma vez que identificamos que é uma fase fundamental para aprender a valorizar a língua e entender que falar é uma forma de empoderar-se diante da sociedade. Para tanto, como base teórica para a construção desta proposta, utilizamos os teóricos: Cury (2013), Silva (2011), Bagno (2007; 1999; 2013; 2017), Marcushi (2005), Negreiro e Vitorino (2019), Antunes (2009), entre outros.

Em relação ao direcionamento das aulas propostas, optamos por dividir em quatro etapas, e cada etapa contém duas aulas, com duração de 40 minutos cada. Portanto, nossa proposta metodológica é uma sequência de aulas para uma semana de aprendizado e reflexão sobre o tema da ansiedade, os aspectos da fala e a diversidade na língua bem como o preconceito linguístico. A seguir, passaremos a descrever cada aula que terá duração média de quarenta minutos.

3.1.1. 1ª Etapa (02 de aulas, de 40 minutos cada)

Esta segunda etapa de aulas, tem por finalidade sondar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática da ansiedade, que sabemos que é um tema que dificulta a concentração e o desempenho oral em público. Destina-se também a trabalhar o autoconhecimento, as emoções, como também a oralidade espontânea dos alunos. Para tanto, buscamos, através das atividades abaixo, ponderar sobre o “eu” na sala de aula, proporcionando momentos de reflexão e de expressão dos discentes.

1º momento: Roda de Conversa.

No primeiro momento, o professor deve solicitar aos alunos que façam um círculo para começar a roda de conversa, buscando interagir de maneira mais descontraída. Essa conversa terá o professor como mediador, assim, os alunos poderão dividir suas dúvidas, fazendo

questionamentos, para que juntos possam discutir o assunto de forma didática. Desta forma, o diálogo iniciará com o professor fazendo as seguintes perguntas:

- Muitos de vocês já devem ter ouvido falar sobre ansiedade, mas alguém sabe o que é ansiedade?
- Vocês sabem de que forma a ansiedade se instala na pessoa?
- Quais são os sintomas?
- Será que tem tratamento?
- Vocês conhecem alguém que tem ansiedade?

De acordo com as repostas dos alunos, o professor irá dando suas contribuições⁴ para o encaminhamento da aula. Deste modo, essas indagações iniciais são necessárias para que o professor saiba os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto, como também para que o discente se sinta à vontade para compartilhar seus conhecimentos e refletir sobre ele.

Ao acionar os conhecimentos prévios dos alunos o professor estará estimulando a reflexão e a oralidade deste indivíduo. Assim, “acreditamos que ao explorar a oralidade que os alunos trazem para a sala de aula seria uma maneira mais produtiva de trabalhar o ensino da Língua Portuguesa” SANTOS (2011, p. 46).

Portanto, proporcionar esse espaço para que expressem seus conhecimentos é indispensável para a construção de um ser crítico e reconhecer também qual percepção eles têm sobre o tema ansiedade.

Posteriormente, como contribuição para a aula, o professor deve fazer uso da plataforma de compartilhamento de vídeos, Datashow e notebook com o intuito de apresentar um vídeo que trate da temática “ansiedade” e que será a base para reflexões mais aprofundadas sobre essa temática.

⁴ Como sugestão de material que contribua para esta aula, destacamos o link do seguinte arquivo:
<https://www.abrata.org.br/site2018/wp-content/uploads/2019/07/TRANSTORNO-ANSIEDADE.pdf>

Figura 1 – A ansiedade como mal do século



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ZpLoB9-qBvg> Acessado em:25/08/2020

O vídeo tem duração de um minuto e quatro segundos e apresenta animações criativas que passam as informações de maneira didática para o público. Através desse recurso os discentes terão informações do tipo: dados da Organização Mundial de Saúde - doravante OMS — sobre a ansiedade no Brasil, saberão conceito, sintomas, como ela pode afetar uma pessoa em ambientes de trabalho, como a escola. Deste modo, é um recurso que promove o interesse e aproxima o sujeito da realidade.

Após a exibição do vídeo, há uma discussão sobre o que foi apresentado, explorando os aspectos mais importantes e associando o conhecimento transmitido pelo recurso ao cotidiano dos discentes. Assim, a atuação do professor é essencial para conduzir a aula para um caminho de desenvolvimento de aprendizagens significativas em relação ao assunto abordado.

Portanto, o primeiro ponto a ser debatido é em relação aos dados de 2017 da OMS que revela que o Brasil é o país com a maior taxa de pessoas ansiosas. Neste sentido, é crucial questioná-los: O que pode ser feito para que essa taxa de pessoas ansiosas diminua? O que motiva essa ansiedade? Quais os riscos para a saúde?

Em seguida, é primordial contextualizar a definição de ansiedade que o vídeo expôs, para que o aluno entenda que é um sentimento de medo de algo que pode vir a acontecer no futuro. E posteriormente, explicar o trecho em que diz que a ansiedade pode ser considerada positiva, esclarecendo que ansiedade ‘positiva’ é aquela que todo ser humano tem, por exemplo: ao saber que vivenciará uma conquista pessoal o sujeito fica ansioso para viver o momento. Porém, a ansiedade patológica acarreta obstáculos no dia a dia do sujeito, atrapalhando seus projetos.

Corroborando com essa ideia, Silva (2011, p.8) afirma que a ansiedade é um aspecto fisiológico que faz parte do ser humano e que até determinado ponto é sadio. Mas se sentido de maneira exagerada torna-se patológica e proporciona grandes problemas na vida do indivíduo, atrapalhando a execução de pequenas atividades.

É indispensável, então, pontuar os sintomas que estão associados a ansiedade, citados no vídeo: insônia, pânico, problemas digestivos, tensão muscular e medo de falar em público. Todavia, a ansiedade proporciona outros sintomas que vão além dos expostos, tais como: preocupação excessiva, boca seca, medo, náusea, palpitações, sentimento de tragédia iminente ou tremeadeira, falta de ar ou respiração rápida, suor, entre outros que é preciso também comentar nesta aula.

Vamos destacar, entretanto, o “medo de falar em público” que foi citado no vídeo, pois em muitos casos o professor se depara com essa realidade na sala de aula e, muitas vezes, não entende o porquê do aluno não querer participar de atividades que necessitem de expressão oral. Portanto, pontuar esse sintoma em sala de aula é fundamental para que os discentes reflitam e possivelmente se identifiquem com essa situação.

Também é citado no vídeo outros sintomas que a ansiedade desencadeia no ambiente de trabalho como a desconcentração e a dificuldade de realizar pequenas tarefas. O professor pode associar, nesse momento, esses sintomas ao ambiente escolar também para que tenham a clareza de que pode ser em qualquer local, seja no trabalho ou no local de estudo.

Para acrescentar, faz-se necessário destacar a importância do diagnóstico e informar que existe tratamento, mas que o diagnóstico só pode ser dado por um psicólogo. Neste sentido, conversar com os pais sobre esse assunto e com o docente é fundamental para que os familiares e a escola juntos, em parceria, apoiem esse indivíduo.

2º momento: Sugestões de atividades simples que colaboram para manter-se menos ansioso.

O professor deverá, através de um slide, exibir as sugestões com imagens e pequenos textos, enfatizando sua relevância. Neste sentido, as recomendações são baseadas em Facundes (2019):

- Praticar qualquer tipo de atividade física;
- Ouvir música;
- Ter um sono de qualidade;
- Alimentação balanceada;

- Buscar o autoconhecimento e aprender a lidar com situações do dia a dia;
- Prestar atenção na respiração;
- Momentos com os amigos ou outras pessoas que você ama;
- Momentos de diversão;
- Aprender a meditar:
- Procurar manter os pensamentos positivos e descartar os negativos;

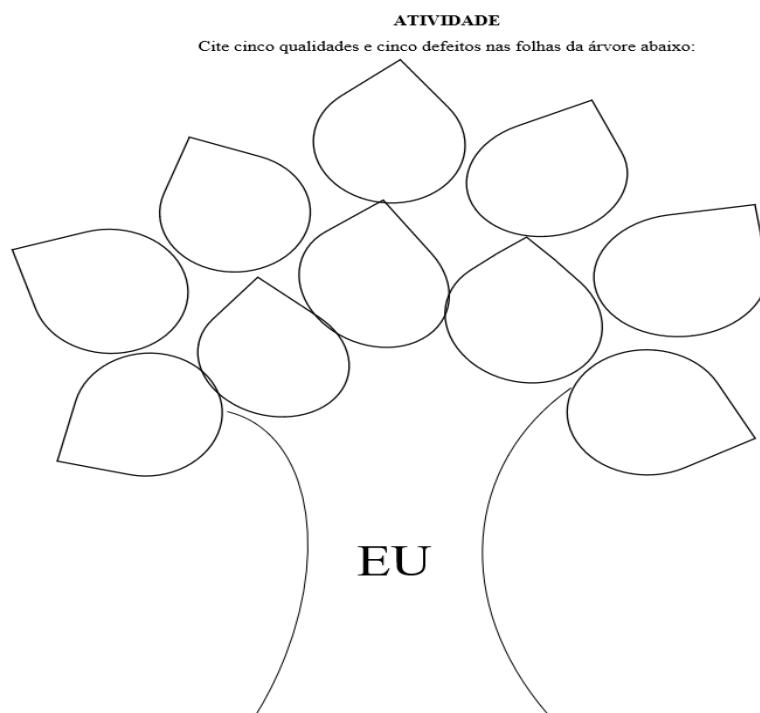
<http://portal.ifto.edu.br/ifto/reitoria/pro-reitorias/proae/assistencia-estudantil/assunto/ansiedade>

Neste viés, em suas considerações, Cury (2013, p.72) afirma que “formar pensadores e educar a emoção é vital e urgente”. Assim, as contribuições de aulas que estimulem os alunos a refletirem e que abordem sobre suas emoções é fundamental para a construção de sujeitos que busquem cuidar de si e entender suas emoções para melhor desempenho em suas atividades diárias.

O professor deverá indagar se os alunos já fizeram alguma atividade de autoconhecimento. Após ouvi-los, deverá entregar a atividade da árvore a cada um (ver apêndice I). Em seguida, começará a explicar que todos devem escrever cinco qualidades e cinco defeitos nas folhas da árvore e que terão dez minutos para realizar essa atividade.

Vejamos a atividade, a seguir:

Figura 2 – Atividade.



Fonte: Criação Autoral.

O objetivo dessa atividade é fazer com que o aluno busque identificar as qualidades e defeitos que o constituem como ser humano, além disso, possibilitará que o professor perceba como o sujeito se enxerga, se tem facilidade em reconhecer as virtudes ou apenas os defeitos que tem.

Neste viés, o docente deverá levar sua “árvore” pronta ou fazê-la na hora, contendo suas qualidades e defeitos para que sirva de exemplo e encoraje seus alunos a fazerem a atividade. Todavia, é importante destacar que a árvore é uma representação da pessoa que eles são e as folhas representam suas qualidades e defeitos.

Em seguida, será o momento do debate entre todos no qual terá como intuito socializar sobre a atividade realizada, refletir sobre a importância de se conhecer melhor, reconhecer as qualidades e defeitos que nos compõem como seres humanos e a importância de cuidar da nossa autoestima.

3.1.2. 2ª Etapa (02 aulas, de 40 minutos cada)

As aulas dessa etapa, tem como objetivo abordar aspectos da língua e fala, propondo atividades e dialogando com os alunos sobre a fala, as características da oralidade, sobre os dois níveis da língua falada: linguagem formal e informal. Além disso, refletimos sobre o medo de se expressar oralmente e sobre a importância do monitoramento estilístico.

1º momento : Língua ou Fala?

Neste primeiro momento, buscando sondar os conhecimentos dos alunos, o professor dará início a aula com o seguinte questionamento: sabendo que somos falantes nativos da língua portuguesa, o que vocês entendem por língua? E por fala?

Em seguida, apresentará nos slides um breve trecho da história e conceito de língua, como contribuição para o diálogo e entendimento dos alunos. Posteriormente, destacar que existem duas modalidades da língua que são representadas pela língua falada e a língua escrita. E que nesta aula a ênfase será na modalidade falada, mostrando que é dinâmica, natural e espontânea.

Matta (2009, p. 57) destaca que “fazer os alunos perceberem a riqueza que envolve o uso efetivo da língua falada é fundamental para se entender o homem como ser social.” Portanto, proporcionar o conhecimento da língua falada é conscientizar os sujeitos da dimensão

da nossa língua, além disso, mostrar a relevância dos falantes para as transformações que ocorrem linguisticamente e a possibilidade do seu empoderamento através da língua.

O professor deverá abordar sobre a fala e as particularidades da oralidade que, segundo Negreiro e Vitorino (2019), são representadas pela gestualidade, o tom de voz, a referência ao interlocutor, a entonação, a repetição de palavras. É importante frisar que através dessas características da oralidade se estabelecem diversos sentidos para a interação entre os falantes.


Dando continuidade à exibição dos slides, o docente tratará dos níveis da língua falada: a linguagem formal e a linguagem informal. Neste viés, apresentará definições de cada uma, distinguindo-os, exemplificando através de imagens e exemplos. É importante ter conhecimento sobre o domínio da norma padrão e a consciência de que há variados modos de falar em diferentes contextos de uso. Após essa etapa, buscando descobrir se todos compreenderam o conteúdo, será entregue uma atividade (ver anexo III) relacionada às linguagens formais e informais.

A seguir, a atividade que foi citada acima:

Figura 3 – Atividade sobre a Linguagem Formal e Informal.

Atividade

1) Identifique qual tipo de linguagem contém na tirinha abaixo, em seguida, marque a alternativa correspondente:



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/linguagens-formal-e-informal/>, Acessado em: 08 de Out. 2020

() Apresenta apenas a linguagem formal;
 () Apresenta apenas a linguagem informal;
 () Apresenta linguagem formal e linguagem informal;

2) Diante do que foi exposto na aula, correlacione:

(1) Obedece às regras gramaticais.
 (2) É espontânea, utilizamos em situações do dia a dia e não há preocupação com os usos das regras gramaticais.

() Linguagem Informal
 () Linguagem Formal

3) Cite exemplos de contextos que exigem a linguagem formal e situações que exigem a linguagem informal:

4) Por que em contextos de comunicação distintos, devemos adequar a nossa fala?

Fonte: Criação Autoral.

Essa atividade é usada para identificar se os discentes compreenderam o assunto abordado na aula, bem como se sabe desmistificar a linguagem formal e a linguagem informal.

2º momento: Reflexão sobre o medo de se expressar oralmente e sobre o monitoramento estilístico.

No primeiro instante, buscando respostas dos alunos, para conseguir saber suas percepções acerca de um possível medo de se expressar oralmente, sugerimos que entregue em um papel, com a seguinte indagação:

- Em algum momento das aulas, vocês já deixaram de responder algum questionamento, porque ficaram com medo de errar ao se expressar oralmente? Justifique sua resposta.

É necessário destacar que não precisa se identificar, só se o aluno se sentir a vontade com isso. Posteriormente, recolher os papeis com as respostas dos alunos. Em seguida, conferir o que responderam, e refletir sobre as repostas diretamente com a turma, bem como sobre o monitoramento estilístico que é exigido em momentos formais.

Como contribuição para aula, o docente entregará o poema *Vício de fala* do autor Oswaldo de Andrade, impresso. Em seguida, será o momento de solicitar que os aluno realizem a leitura em voz . Vejamos o poema:

Vício de fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

(ANDRADE, 2003, p. 119)

Durante a realização da leitura, o docente poderá identificar se o poema causou aos alunos, algum tipo de receio ou medo ao pronunciar: *mio, mió, teia, teiado*. Visto que essas palavras fazem parte da variação existente na nossa língua, mas que não se enquadram na norma

padrão. Assim, poderá avaliar como os falantes, estão vendo a estrutura da língua. Todavia, é necessário indagar o que os sujeitos acharam do poema.

Então, o docente deverá mostrar ao aluno que em alguns ambientes, é exigido a formalidade, onde o falante tem que ter uma atenção maior para o uso da língua, adequando sua fala ao contexto formal. Como exemplo, podemos citar: apresentações de seminário, reuniões, entre outros. Todavia, em um ambiente informal, o sujeito não precisa ter o cuidado de falar formalmente, sendo assim, o monitoramento estilístico é menor. Como exemplo do contexto informal: O docente poderá citar: conversas espontâneas que acontecem no dia a dia, com os amigos, com os familiares, pessoas das quais temos intimidade.

Buscando notar se os sujeitos compreenderam essas perspectivas, O docente pedirá que os alunos exemplifiquem, oralmente, de que modo dialogam em suas conversas com os amigos, como também, apresentar um exemplo de como se expressam oralmente em contextos de apresentação.

3º momento: Atividade - Trabalhando as particularidades da Oralidade

Sabemos que a música tem forte influência sobre a vida das pessoas e com os adolescentes que estudam no sexto ano não é diferente. Com o intuito de identificar essas características da oralidade, deverá ser utilizada a música “o sol”, muita apreciada pelos adolescentes, que foi composta e interpretada pelo cantor Vitor Kley.

Primeiramente, utilizando o projetor e o notebook, o professor deverá colocar o clipe com a música para tocar, pedindo que eles prestem atenção no vídeo. Logo após, é necessário entregar a letra da música impressa aos alunos (ver anexo II). Em seguida pedir que comecem a cantar a música para identificar as particularidades da oralidade ao realizar esse momento de recitação.

Posteriormente, o professor deverá solicitar que os discentes listem (escrevendo em seus cadernos) os momentos que ao recitar fizeram gestos, mudaram o tom da voz e se encontraram alguma referência ao interlocutor. Devem também observar se houve variações de entonação e verificar se houve a repetição de palavras. O objetivo dessa lista é que os alunos organizem em um papel as particularidades encontradas.

Em seguida, é o momento de socializar o que foi identificado, buscando provocar um debate em relação a cada especificidade da oralidade, ressaltando a importância da observação de cada um. E também é necessário destacar que isso não é algo que só acontece nas músicas,

mas quando estamos conversando, apresentando um trabalho e em diversas situações do cotidiano.

3.1.3. 3ª Etapa (02 aulas, de 45 minutos cada)

Nessas aulas trataremos de aspectos da variação linguística presentes em nossa língua bem como o preconceito linguístico que surge a partir do desconhecimento dessa variação.

1º momento: Conversa inicial.

Nesta primeira etapa da aula, iniciaremos com uma conversa para buscar as percepções, exemplos que os alunos notaram em suas falas sobre a variação linguística. Portanto, para nortear a discussão, o professor deverá questionar:

- Todas as pessoas falam da mesma maneira?
- Vocês já conheceram alguém que fala de modo diferente de como vocês falam?
- De acordo com a sua opinião, se há pessoas que falam de forma diferente, será que elas estão falando de modo errado? Ou certo?

Conforme o desenvolvimento do debate, perceberemos se houve compreensão sobre as indagações feitas, se eles notaram as distinções no modo de falar de cada sujeito, se eles acreditam que há erro na fala dos indivíduos. Após a provocação de troca de conhecimentos, o docente destacará que a nossa língua é heterogênea, variável e mutável, respondendo pontualmente aos três questionamentos feitos acima.

No momento seguinte, o docente deverá realizar uma explanação acerca do que é variação linguística, enfatizando que é um processo natural da língua devido ao caráter dinâmico da língua. Logo após, através de tópicos exibidos nos slides, mostrará a diversidade da nossa língua, expondo os exemplos pertinentes que mostrem diversos modos de falar das regiões deste país, tais como: A macaxeira que os nordestinos assim denominam, no Rio de Janeiro é chamada de Aipim, mas em São Paulo é conhecida como Mandioca.

Em seguida, deverá apresentar os fatores extralinguísticos (origem geográfica, o *status* econômico, grau de escolaridade, mercado de trabalho, idade, sexo, redes sociais) que influenciam as variação e mudanças. Haverá, portanto, exposição dos conceitos e exemplos de

cada fator extralinguístico e os tipos de variação para que os alunos possam compreender suas particularidades e perceber suas influências na língua.

É importante também trazer a temática referente à norma padrão, na qual o ensino normativo é pautado. Desta forma, é necessário apresentar uma definição dessa norma, exemplificando que tem sua função dentro da realidade do sujeito. É importante dominar as regras para que saiba se comunicar em situações comunicativas nos quais é exigido o conhecimento dessa variedade prestigiada.

Todavia, é indispensável informar que, infelizmente, apenas a variedade padrão é vista como referência para a sociedade. Essa perspectiva acaba criando uma escala de valores para a língua, no qual apenas a norma padrão é estimada e as demais variações linguísticas são estigmatizadas. Bagno (2007) na obra *Nada na língua é por caso* pontua que:

A língua não é simplesmente um “meio de comunicação” - ela é um poderoso **instrumento de controle social** e manutenção ou ruptura dos vínculos sociais, de preservação ou destrocamento das identidades individuais, de promoção ou de humilhação, de inclusão ou exclusão. BAGNO (2007, p.83, grifo do autor)

A partir da citação, destacamos que a língua é um instrumento de poder do cidadão no qual as classes dominantes usam para excluir as pessoas que têm suas variações desprestigiadas, afirmando que estão falando de forma errônea. Dessa forma, há muitas pessoas que acreditam que falam errado por não saberem que estão falando de acordo com suas variações regionais.

Então, o professor deve apresentar informações acerca do preconceito linguístico, postulando que quando uma pessoa não aceita a fala diferente do outro, ou rir da forma que se fala, ele está agindo de forma preconceituosa. Essa situação causa impactos negativos na vida do falante discriminado que fica inibido e se achando incapaz no desempenho oral de sua própria língua quer seja no ambiente escolar ou não.

Diante dessa informação é primordial perguntar aos alunos se já vivenciaram uma situação de preconceito linguístico ou se conhecem alguém que passou ou passa por isso em seu cotidiano. Assim, os alunos terão espaço para expor oralmente algum acontecimento que tenha vivenciado.

Por outro lado, deve-se ressaltar que a língua é uma forma de expressão do poder para incluir os falantes também e a escola é um espaço onde os sujeitos adquirem mais habilidades linguísticas, potencializando os conhecimentos que trazem de suas vivências. Logo, a língua é um instrumento de empoderamento do sujeito e todo aluno precisa saber disso para desconstruir o estereótipo de erro e acerto.

2º momento: Exibição de vídeo.

Na presente etapa, o professor poderá exibir um vídeo fazendo uso do youtube, datashow e notebook que exemplifique melhor os distintos modos de falar da região nordeste, para que os alunos possam reconhecer, refletir e compreender sobre a nossa diversidade linguística.

O vídeo está intitulado “Me deixa ser nordestino outra vez” que também é o título do poema que foi declamado por uma menina no programa “Danado de Bom”. O poema retrata o modo de falar do povo nordestino, apresentando um vasto repertório linguístico desse povo e repudiando o preconceito linguístico que ainda perpassa pelos dias atuais.

Figura 4 – Me deixa ser nordestino outra vez



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RTK47Durjh0&t=22s> Acessado em: 26/09/2020

O vídeo tem duração de dois minutos e cinquenta e um segundo. Através dele os discentes reconhecerão os usos das palavras no seu dia a dia e se identificarão com seu dialeto.

Neste momento, inicia uma discussão sobre o que foi exposto no vídeo, buscando traçar pontos importantes destacados pelos alunos. Deste modo, é importante destacar a parte que a menina diz “tem gente que rir, dizendo que eu falo engraçado”, neste ponto, questionar: “Vocês acreditam que essas pessoas que riem do modo como nós nordestinos falamos estão sendo preconceituosas linguisticamente?”

É indispensável evidenciar o trecho: “estude mais a cultura e deixe de ser debochado. As palavras são diferentes, mas têm o mesmo significado. Vou lhe mostrar o que é certo, mas muitos acham errado.” Nesse trecho é possível ressaltar o debate sobre a importância de conhecer as culturas e também retratar a variação do lugar bem como despertar a atenção para o fato de ter pessoas que acreditam que nordestinos falam errado.

Em seguida enfatizar os exemplos do modo de falar das pessoas da região nordeste como: água com açúcar = Garapa, ter pressa = é ser avexado, ser rápido = é ser ligeiro, lá em cima = lá em riba, ser briguento = é ser arrenqueiro, levar uma surra = levar uma pisa, rir dos outros = é mangar, tomar banho = é se banhar. Sendo assim, é fundamental frisar e questionar: “Além desses exemplos citados, quais outras palavras diferentes e com o mesmo significado o nordestino fala?”

3º momento: Atividade.

Os alunos serão solicitados, ao final desta aula, a exporem oralmente e por escrito (através de cartaz) aquilo que aprenderam sobre aspectos da língua, fala e do preconceito linguístico. Sendo assim, é fundamental que o docente oriente os alunos acerca do gênero cartaz e suas funções. Zóboli (1990, p.39) frisa que “O cartaz é um meio de comunicação de massa de natureza visual cuja finalidade é anunciar os mais diversos tipos de mensagens comerciais, políticas, religiosas, educativas, de utilidade pública, etc”. Neste sentido, a função dos cartazes é informar, conscientizar, sensibilizar e transmitir uma mensagem, estabelecendo uma interação com o receptor ao passar essa mensagem.

Para que compreendam como confeccionar cartazes, é necessário destacar que o gênero cartaz tem como características: textos curtos e sugestivos que se adequam ao público; faz-se uso da linguagem verbal e da linguagem não-verbal; preza pela objetividade e atenta-se à estética das letras, das imagens expostas e das cores.

Então, após o conhecimento sobre o gênero cartaz, solicitaremos que produzam cartazes com base nas discussões que foram levantadas sobre a aula de variação para que tragam e exponham na aula seguinte. O intuito é que se proponham uma pesquisa (em grupo) sobre a língua, suas variações e façam uma alerta à comunidade escolar sobre o preconceito linguístico.

3.1.4. 4ª Etapa (02 aulas, de 45 minutos cada)

As aulas da presente etapa, tem por finalidade diagnosticar os saberes linguísticos (conhecimento sobre a concepção e variedade da língua) adquiridos pelos alunos, utilizando o gênero cartaz, bem como socializar com a turma esses conhecimentos.

1º momento: Conversa Inicial.

Começará com o docente perguntando como foi para os alunos construírem seus cartazes, se gostaram de trabalhar em grupo nessa produção. Indagá-los sobre quais são os maiores impactos que o preconceito linguístico causa.

Essa etapa é destinada aos alunos para que expressem suas opiniões tanto através dos cartazes como através da exposição oral. Essa etapa permitirá que os alunos revelem seus entendimentos sobre os aspectos da língua e o preconceito linguístico bem como se posicionem sujeitos ativos/críticos diante desse tema.

Sugerimos que o docente motive seus alunos, para que apresentem seus cartazes nas demais turmas, que existem na escola, ou até mesmo, promovam essa exposição em outras escolas, para que exerçam sua função social de maneira mais ampla.

2º momento: Finalização

Após as exposições dos cartazes, é o momento de o professor orientar os alunos na realização da colagem deles, na parede da sala de aula. Em seguida, para a finalização da aula, o docente realizará uma breve reflexão sobre a desconstrução do pensamento de erro e acerto na língua, ressaltando que cada falante tem sua particularidade na fala e que todas precisam ser respeitadas.

Neste sentido, Bagno (2007, p. 166) afirma que “são os falantes, em sociedade, que mudam a língua.” Desse modo, é essa a visão que temos que perpassar para os alunos para que compreendam seu poder enquanto falante. E que, de fato, descubram que a fala é um meio de empoderamento linguístico nas quais as interações são essenciais para construção do repertório linguístico do falante.

Atraves dessas aulas, buscamos provocar as interações, com uma forma de promover a socialização entre os alunos, desenvolver a oralidade destes sujeitos. Neste sentido, as aulas proporcionam o estímulo das interações, que são necessárias para que os alunos sejam protagonistas do saber, construam o conhecimento junto com o professor, expressem seus conhecimentos de mundo, bem como exponham suas opiniões.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que diante do direcionamento que demos para esta pesquisa, norteadas pela variação linguística, constatamos que os objetivos elencados foram alcançados. Em relação ao objetivo geral, apresentamos uma proposta metodológica para alunos do 6º ano do ensino fundamental, envolvendo interfaces entre a oralidade e a variação linguística; em relação aos objetivos específicos: a) refletimos em relação à ansiedade do discente, considerando o receio que os estudantes tem de se expressar oralmente; b) Estabelecemos sobre a relevância da oralidade como um instrumento que promove o empoderamento linguístico do falante e c) contribuimos para que o sujeito desenvolva um olhar respeitoso pela fala dos sujeitos, diminuindo o preconceito linguístico.

Contudo, é importante salientar que as proposições estabelecidas neste trabalho, não são formulas universais que possibilitam o trato da variação linguística e o combate ao preconceito linguístico, sua pretensão é contribuir de maneira significativa para as diversas discussões que já existem, tanto no contexto escolar, como no acadêmico. Além disso, enfatizamos que o docente ao utilizar essa proposta, pode e deve adapta-la para o contexto real no qual está inserido, uma vez que sabemos que cada sala de aula apresenta uma realidade distinta, e o professor é quem melhor conhece o contexto de ação em que atua e os sujeitos com os quais têm contato.

Entretanto, através deste trabalho, fundamentado na interface entre oralidade e variação linguística, possibilitamos que os sujeitos adquiram conhecimentos sobre esse viés da língua e, conseqüentemente, conscientizamos sobre o respeito às variações dos outros falantes, quebrando a barreira do preconceito linguístico.

Então, percebemos que é fundamental discutir sobre as variações linguísticas, lançando um olhar de mais respeito pelos sujeitos e buscando contribuir para o desenvolvimento oral de cada um.

Diante das aulas propostas, salientamos o valor de trabalhar a ansiedade no espaço escolar, visto que é um fator que afeta, também, o desempenho oral dos alunos. Outro ponto que ressaltamos é a necessidade do aluno adquirir conhecimentos relacionados à variabilidade da língua para desconstruir o estereótipo de erro e acerto na fala.

Assim, observamos o quão necessário é para o indivíduo conhecer sobre as variações linguísticas, perceber que a língua é um instrumento de poder e que ao se expressar oralmente o sujeito está se empoderando diante do meio em que vive. Acreditamos que a pesquisa foi produtiva uma vez que alcançamos os objetivos propostos. De modo particular, a construção deste estudo colaborou para minha evolução tanto pessoal como profissional, pois possibilitou um olhar mais humano e respeitoso pela fala de cada sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Oswald de. **Pau Brasil**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: A variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 1999.
- BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola**. In: RANGEL, Egon de Oliveira & ROJO, Roxane Helena Rodrigues (org.). *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino – Língua Portuguesa; v.19.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris **O professor pesquisador: Introdução á pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CASTILLO, Ana Regina GL et al. Transtorno de ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, V. 22, supl.2, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600006> Acesso em: 26 Out. 2020.

CAVALCANTE, Marianne C. B.; MELO, Cristina T. V de. Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática In: MENDONÇA, Márcia; BUNZEN, Clecio. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 181-198.

CURY, Augusto. **Ansiedade: como enfrentar o mal do século**: a síndrome do pensamento acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos. São Paulo: Saraiva, 2013.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça. **Dos dialetos populares à variedade culta**: A sociolinguística na escola. Curitiba: Appris, 2011.

FACUNDES, Vivian. Ansiedade. **Instituto Federal do Tocantins: Secretária de educação Profissional e Tecnológica**, 2019.

Disponível em: <http://portal.ifto.edu.br/ifto/reitoria/pro-reitorias/proae/assistencia-estudantil/assunto/ansiedade> Acesso em: 14 de Set. de 2020.

FARACO, Carlos A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

KAUARK, Fabiana da Silva et al. **Metodologia da Pesquisa**: um guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Oldney. **Pensamentos esculpidos em contos, crônicas, mensagens e poemas**, 2007. Disponível em: <https://www.oldney.net/visualizar.php?id=433893> Acessado em: 10 nov. 2020.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio DIONISIO, Angela Paiva (org.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARQUES, Ewerton Lucas de Mélo. A Necessidade do Ensino da Oralidade na educação brasileira. In: IV SINAGEL - Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais, 4., 2017, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. p. 1-12.

Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/27185> Acesso em: 18 de Out. 2020.

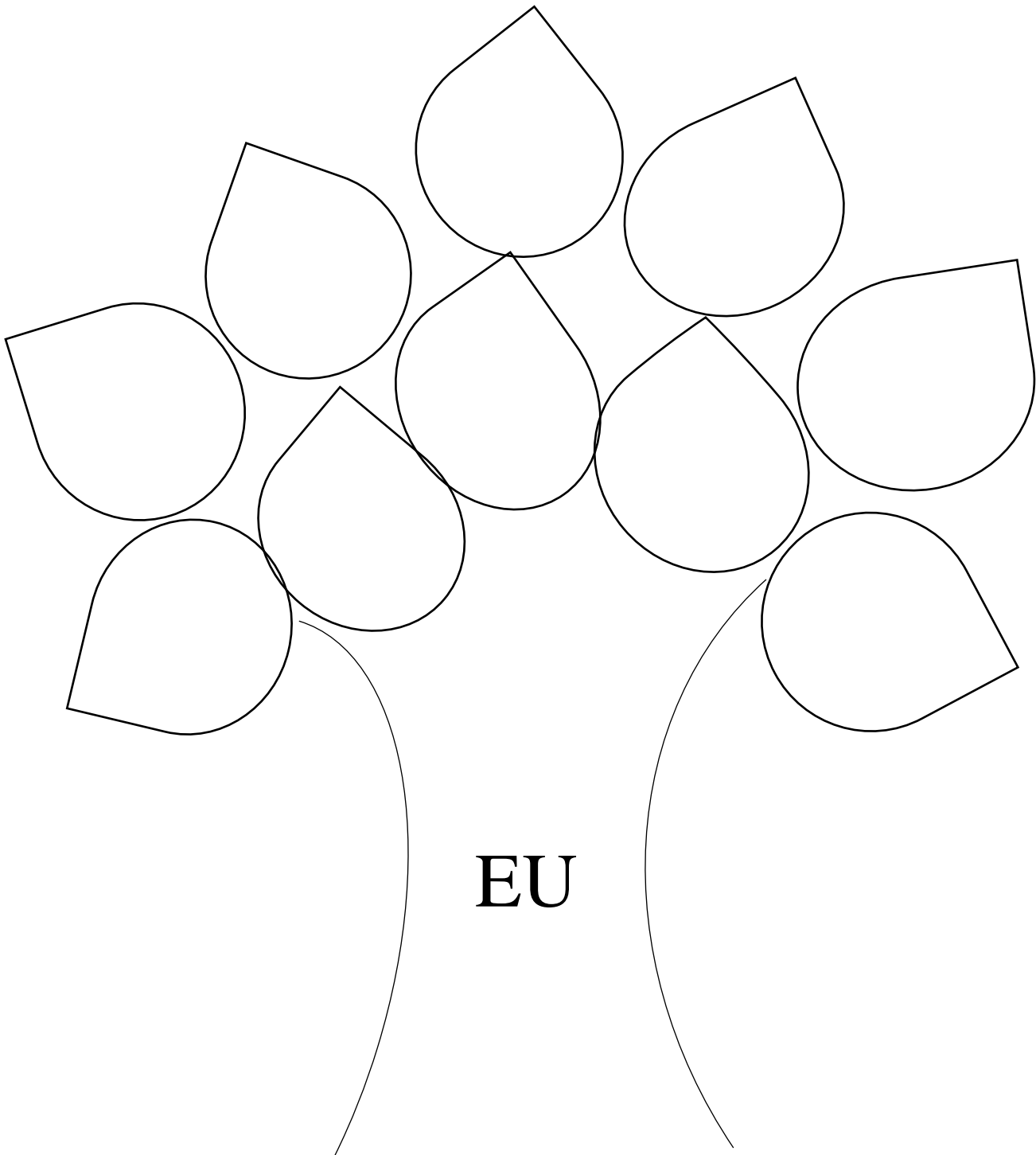
MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Iara Ferreira de Melo; SILVA, André Luiz Souza. Gíria LGBT como empoderamento Linguístico: a produção de sentidos no gênero "meme". In: LINS, Juarez

- Nogueira *et al* (org.). **Língua, Literatura e Ensino: Linguagem e Diálogos**. João Pessoa: Ideia, 2019. Cap. 7. p. 139-158.
- MATTA, Sozângela Scheimim da. **Português - Linguagem e Interação**. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2009.
- MUNIZ, Monalisa; FERNANDES, Débora Cecílio. Autoconceito e ansiedade escolar: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 427-436, 2016.
- NEGREIROS, Gil Roberto Costa; VITORINO, Luane Guerra; Oralidade e ensino: o trabalho com o gênero oral debate público regrado em oficinas de Língua Portuguesa. **Revista Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 15, n. 1, p. 43-61, 29 mar. 2019.
- SANCHES, Laura. Ansiedade: Viver no futuro. **Zen Energy**, P.52-55, Jan. 2010. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/1227789/ansiedade---viver-no-futuro--artigo-publicado-na>. Acesso em: 11 out. 2020.
- SANTOS, Luciel Ferreira dos. A oralidade como pressuposto para a aprendizagem da Língua Portuguesa. In: SOUZA, Karla Geane de Oliveira *et al*. **A oralidade e Letramento: práticas cotidianas**. João Pessoa: Fotograf, 2011. p. 45-58.
- SILVA, Cleimar Rosa da. **Ansiedade no meio escolar**. Monografia (Licenciatura em Biologia) Universidade de Goiás/Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- SILVA, Érica Danielle; FERRAGINI, Nelvana Leuz de Oliveira; VIEIRA, Greyce Nathany Lopes. A prática da oralidade em sala de aula: a perspectiva dos professores de língua portuguesa da rede básica pública de ensino. **Entretextos**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 285-311, 2018.
- SILVA FILHO, Luiz Rosa da; EMILIANO, Rossana Janaina Gurjão. A variação Linguística e sua abordagem no livro didático: análise da coleção projeto Teláris do Ensino Fundamental II. In: LINS, Juarez Nogueira *et al* (org.). **Língua, Literatura e Ensino: Linguagem e Diálogos**. João Pessoa: Ideia, 2019. Cap. 10. p. 191-203.
- SILVA, Maria do Livramento Paula da. **Variação linguística e ensino de Língua materna a partir dos "causos" de Jessier Quirino**. 2019. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, 2019.
- SOARES, M. **Linguagem e escola: Uma perspectiva Social**. São Paulo: Ática, 1994.
- ZÓBOLI, Graziella. **Práticas de Ensino: Subsídio para a atividade docente**. São Paulo: Ática, 1990.

APÊNDICE**APÊNDICE I – Atividade integral para a aula 1****ATIVIDADE**

Cite cinco qualidades e cinco defeitos nas folhas da árvore abaixo:



ANEXOS

ANEXO I – Letra da música na íntegra para a aula 2.

O sol – Vitor Kley

Ô, Sol
 Vê se não esquece e me ilumina
 Preciso de você aqui
 Ô, Sol
 Vê se enriquece a minha melanina
 Só você me faz sorrir

E quando você vem
 Tudo fica bem mais tranquilo
 Ô, tranquilo
 Que assim seja, amém
 O seu brilho é o meu abrigo
 Meu abrigo

E toda vez que você sai
 O mundo se distrai
 Quem ficar, ficou
 Quem foi, vai, vai
 Toda vez que você sai
 O mundo se distrai
 Quem ficar, ficou
 Quem foi, vai, vai, vai
 Quem foi, vai, vai, vai
 Quem foi

Ô, Sol
 Vê se não esquece e me ilumina
 Preciso de você aqui
 Ô, Sol
 Vê se enriquece a minha melanina
 Só você me faz sorrir

E quando você vem
 Tudo fica bem mais tranquilo
 Ô, tranquilo
 Que assim seja, amém
 O seu brilho é o meu abrigo
 Meu abrigo

E toda vez que você sai
O mundo se distrai
Quem ficar, ficou
Quem foi, vai, vai
Toda vez que você sai
O mundo se distrai
Quem ficar, ficou
Quem foi, vai, vai, vai
Quem foi, vai, vai, vai
Quem foi, vai, vai

Ô, Sol
Vem, aquece a minha alma
E mantém a minha calma
Não esquece que eu existo
E me faz ficar tranquilo
(Sol)
Vem, aquece a minha alma
E mantém a minha calma
Não esquece que eu existo
E me faz ficar tranquilo

E toda vez que você sai
O mundo se distrai
Quem ficar, ficou
Quem foi, vai vai
Toda vez que você sai
O mundo se distrai
Quem ficar, ficou
Quem foi, vai, vai, vai
Quem foi, vai, vai, vai
Quem foi, vai, vai, vai

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/vitor-kley/sol/>. Acesso em: 08 de Out. 2020.

ANEXO II – Atividade na integra para a aula 2.

Atividade

- 1) **Identifique qual tipo de linguagem contém na tirinha abaixo, em seguida, marque a alternativa correspondente:**



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/linguagem-formal-e-informal/> Acessado em: 08 de Out. 2020

- () Apresenta apenas a linguagem formal;
- () Apresenta apenas a linguagem informal;
- () Apresenta linguagem formal e linguagem informal;

2) Diante do que foi exposto na aula, correlacione:

- (1) Obedece às regras gramaticais.
- (2) É espontânea, utilizamos em situações do dia a dia e não há preocupação com os usos das regras gramaticais.

- () Linguagem Informal
- () Linguagem Formal

- 3) Cite exemplos de contextos que exigem a linguagem formal e situações que exigem a linguagem informal:**

- 4) Por que em contextos de comunicação distintos, devemos adequar a nossa fala?**